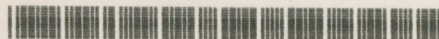


Biblioteca Centro de Memoria - UNICAMP



CMUHE030315

**Tradição que****se renova**

20  
1  
20-1-67 67

Este jornal faz anos hoje. Nada menos de onze lustros se completam no seu ativo de trabalhos ininterruptos, como se fôra ele aquela figura vigilante do soldado de Antioquia, cuja missão era a defesa do solo e das gentes. E, dentro do Diário do Povo, esta secção do Tome Nota, que revitalizamos há poucos meses para dar sequência àquela coluna do Machadinho de outros tempos, que se constituía, como nos escreveu um leitor, "o café e o pão dos campineiros".

Esta coluna tem história longa, quase a idade do próprio jornal. Criou-a um jornalista de fora, o Macedão, que chegara de "A Tribuna", de Santos, onde deixara marcas indeléveis de sua passagem. Ai por volta de 1917 já era Benedito Florêncio, o Machadinho, quem rabiscava as crônicas de Tome Nota — leves, petulantes, marcadas, às vezes, de uma agressividade que era típica dos jornais da época. O articulista, porém, não se demorou na coluna. Ferroviário, cuidando de outros setores profissionais, Florêncio transferiu a coluna para outros. Homero V. de Sousa Camargo, que ainda ai está vivo, lúcido e corajoso como sempre, foi por longo tempo um dos Machadinhos, que era o pseudônimo que aparecia no final de Tome Nota. Mas também a roda do mundo andou e desandou para o Homero. Jornalista comple-

to, passou para outros setores, buscou outros climas jornalísticos. Joluná Brito, no início de uma carreira que havia de ser tão brilhante, parece que andou, escrevendo suas coisas na coluna. E Ramiro Garcia. E, bem mais tarde, até Sinésio Passos, que era o chefe supremo. Ai por 1930 já era de novo Benedito Florêncio quem talhava as carapuças do Tome Nota. Doente, substituiu-o o infatigável João Marcílio. E nos intervalos, Pedroso Júnior, Luso Ventura — jornalistas que, não permitindo que o Tome Nota desaparecesse, faziam a peteca ficar no ar. Um dia, porém, aconteceu o inevitável — a secção, uma das mais populares do jornalismo campineiro em todos os tempos, desapareceu. Antes, levado pela morte, lá se fôra o Benedito Florêncio. João Marcílio, também em idade avançada, morreu há pouco tempo em Bragança.

Coube-nos restaurar a coluna popularíssima. No aniversário do jornal, nada melhor que esta breve viagem retrospectiva, com dados colhidos ao acaso da memória e, consequentemente, sucessivos de alguma cincada histórica. Mas a ordem não há de alterar muito o fato em si — a crônica de uma coluna jornalística que sempre se constituiu como um ponto alto do periodismo campineiro.

Diário do Povo é mesmo a tradição que se renova.